



Taxa Paga
Portugal
Calvario

Correio
Editorial

Autorizado a circular
em involucro fechado
de plástico ou papel.

AUTORIZAÇÃO Nº cDE01462019CPE/AGCS

Exmo. (a) Sr(a).

FACE

A LEITURA DO MUNDO

13
EDIÇÃO Nº

ABR. 2019

Distribuição gratuita
Publicação Semestral

AUTORIZAÇÃO Nº cDE01462019CPE/AGCS

PORTO ESCONDIDO





20 ANOS
20 BENEFICIÁRIOS



QUEM SOMOS

A Médicos do Mundo é uma organização não governamental que presta cuidados gratuitos de saúde às populações mais vulneráveis em Portugal, combatendo também a sua discriminação. Fazemos parte de uma rede internacional, constituída por 15 delegações, com mais de 400 projectos de desenvolvimento em todo o mundo.

Em Portugal, trabalhamos para levar cuidados gratuitos de saúde a pessoas em situação de sem abrigo, trabalhadores sexuais, utilizadores de substâncias psicoactivas, migrantes em situação irregular, transsexuais, transgénero, homens que fazem sexo com homens, jovens com carências socioeconómicas, idosos que vivem isolados e/ou em risco de exclusão social e vítimas de catástrofes naturais.



04 — Editorial

20 Anos e mais uns tempos

05 — Resultados

Médicos do Mundo moderniza acesso à informação para os seus doadores

07 — Campanha

0,5% do seu IRS pode ajudar a desenhar um mundo melhor

08 — Atualidade Nacional

Unidade Móvel de Consumo Vigiado já está nas ruas de Lisboa

10 — Especial

O Porto Escondido que poucos vêem

13 — Opinião

Seguimento farmacoterapêutico nos medicamentos inovadores

14 — Grande Entrevista

Uma vida dedicada à luta contra a violência sexual

16 — Atualidade Internacional

Mulheres que Inspiram - Dar voz às mulheres



13
EDIÇÃO Nº

ABR. 2019

Distribuição gratuita
Publicação Semestral
AUTORIZAÇÃO Nº cDE01462019CPE/AGCS

FICHA TÉCNICA

PRESIDENTE
Dr. Fernando Vasco
VICE-PRESIDENTE
Dr. Rogério Pacheco
COORDENAÇÃO EDITORIAL
Médicos do Mundo
FOTOGRAFIA
Médicos do Mundo
Emanuele Siracusa
Reuters
Sara Moinhos
PAGINAÇÃO
Claim

IMPRESSÃO

Lidergraf
TIRAGEM
7 500
DEPÓSITO LEGAL
326890/11
CONTACTOS
Sede: Médicos do Mundo, Av. de Ceuta (Sul),
Lote 4, Loja 1 1300-125 Lisboa
Telefone: 213 619 520
Email: doadores@medicosdomundo.pt

Nota de Redacção: O Comité Editorial da Revista FACE não segue, por opção, o novo Acordo Ortográfico na publicação dos seus conteúdos.



© Médicos do Mundo

20 ANOS e mais uns tempos

Em 1998 recebi um telefonema de uma grande amiga – Pilar Estébanez, Presidente da Médicos do Mundo (MdM) em Espanha, sediada em Madrid, e minha antiga colega em Mestrado de Saúde Pública na London School of Hygiene and Tropical Medicine, da Universidade de Londres, no ano de 1992.

A Pilar é uma mulher absolutamente fabulosa e com uma fibra de fazedora. Um dia chega a Lisboa, acompanhada por Fito Jimenez, também ele da MdM, e vamos conversar com o Mário Sousa, colega médico com experiência em missões de emergência e de desenvolvimento humanitário em várias organizações. A proposta foi simples. Havia um projecto financiado com fundos europeus para criar uma delegação da MdM em Portugal. Nós fomos os escolhidos para criar essa associação. E assim foi!

Em Portugal, nesse tempo, as ONG dedicadas à área da Saúde eram muito reduzidas e a criação de uma nova associação afiliada em termos internacionais, e que permitisse aos associados terem uma participação activa na escolha dos seus órgãos dirigentes, foi reconhecida como uma mais-valia e um enorme desafio. O mote para a acção era conhecido: lutar contra todas as doenças, até mesmo a Injustiça.

Reunidos num espaço cedido pela Junta de Freguesia do Areeiro, para os lados da Picheleira (e usando e abusando dos espaços onde exercíamos as nossas profissões), organizámo-nos e criámos os primeiros projectos. O pioneiro foi o envio de material logístico e medicamentos para a Guiné-Bissau, com o apoio do nosso colega Justino Monteiro. Logo de seguida, tivemos o desafio de Timor-Leste, onde a participação foi continuada e em torno da qual se reuniram os recursos daquilo que posteriormente foi a estrutura da Associação; durante o primeiro ano tivemos o apoio do Fito, que muito nos ajudou a criar toda a estrutura de base em terras lusas. O Mário Sousa foi, sem dúvida, o português que deu credibilidade aos objectivos e conteúdo da MdM e eu o angariador de recursos e o facilitador das vontades de todos.

EDITORIAL

E foram muitos os que quiseram participar logo desde o início e ainda antes de a MdM ser registada no dia 20 de Julho de 1999, no Cartório Notarial de Estremoz. Uma grande alegria!

Neste registo de memórias muitos e fantásticos nomes me vêm à memória, vidas que passaram e que abraçaram a causa da MdM. Claro que muito do que hoje é a MdM em Portugal e no Mundo se deve a mulheres e homens de boa-vontade que, sob o manto do anonimato, fazem do sofrimento um sofrimento menor, fazem da injustiça uma injustiça menos injusta e das imperfeições do Mundo um Mundo um pouquinho melhor.

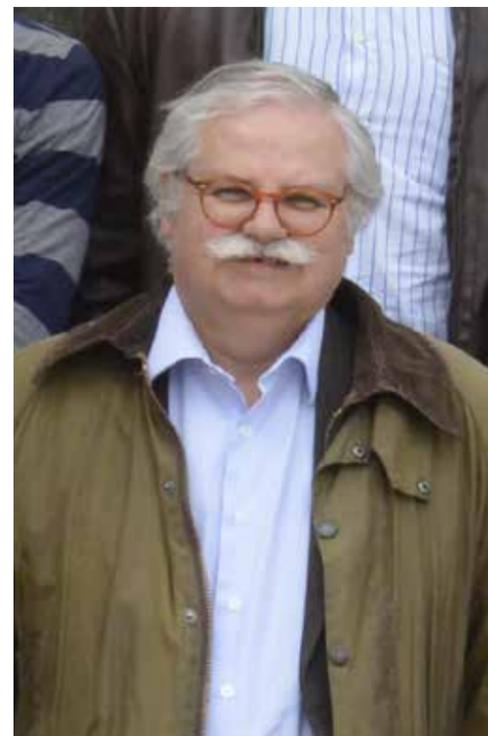
Bem-hajam todos os que, de todas as formas, contribuíram e me permitem dizer: valeu a pena!

Rui Portugal

(Médico de Saúde Pública)

Membro Fundador

Primeiro Presidente da Delegação Portuguesa da MdM



RESULTADOS



Médicos do Mundo moderniza acesso à informação para os seus doadores

Com o objectivo de uma maior transparência e simplicidade no acesso à informação, a Médicos do Mundo (MdM) modernizou alguns processos que permitem não só o acesso imediato aos donativos efectuados pelos doadores, como também facilita o modo de doar. Destacam-se:

- **Espaço de doador** (disponível no nosso website): com acesso ao histórico e recibos de donativos;
- **Declarações anuais:** com o resumo de todos os donativos efectuados ao longo do ano;
- **Envio digital automatizado de recibos de donativos:** para recibos imediatos ou recibos anuais (através da declaração anual de donativos);
- **Página de doação no nosso website:** com segurança e facilidade no processo de doar;
- **Automatização de pagamento por Referência Multibanco:** atribuição de uma referência multibanco por pessoa que é lançada automaticamente na sua ficha.

RESULTADOS 2018

- **4835 doadores** (4624 particulares + 211 colectivos)
 - 467 recuperados (doadores que não doavam há mais de 2 anos)
 - 142 novos doadores (que doaram em dinheiro e espécie)

- **100 sócios**

Receitas da MDM

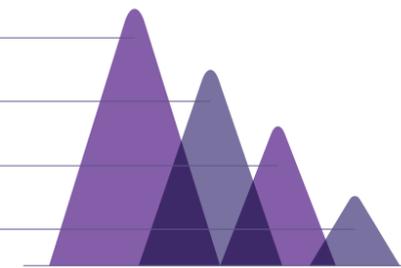
O total dos proveitos da MdM é de 1.162.822€, sendo que os donativos representam 59% deste montante: 690.697€. Assim, os donativos no valor de 690.697€ tiveram a origem em:

- 571.193€: donativos gerais
- 119.504€: financiamentos privados
- 2.790€: quotas de associados e receitas de formação:

TOTAL DE PROVEITOS MDM ANGARIADOS EM 2018: 1.162,822€

571.193 € (49,1%) Donativos
469.335 € (40,4%) Subsídios Públicos
119.504 € (10,3%) Financiamentos Privados
1.590 € (0,1%) Quotas
1.200 € (0,1%) Formação

Total - 1.162,822 € - 100%



© Sara Moinhos

DESTAQUES DE 2019

■ **Campanha de Consignação 0,5% IRS**
Registou-se um crescimento nas receitas provenientes do IRS e do IVA, obtendo-se um total de 101.607€ em 2018 face aos 81.160€ angariados em 2017. Deixamos aqui publicamente o nosso agradecimento às quatro figuras públicas – Cláudia Semedo, Dalila Carmo, Isabel Silva e José Pedro Vasconcelos – que estiveram ao nosso lado na campanha e nos ajudaram a desenhar um mundo melhor.

■ **Facebook: aniversários de nascimento como forma de angariação de fundos para a MdM**
Fruto de angariações de fundos associadas a aniversários, ao longo de 2018, 1.347 pessoas doaram 26.900€ que reverteram para a MdM. Muitas felicidades e muitos anos de vida a todos(as) que contribuíram.

■ **Modernização do design e da imagem de materiais de angariação e comunicação**
Houve uma aposta na renovação de alguns materiais de comunicação com os nossos doadores e público em geral, nomeadamente com a produção de um novo folheto institucional, com o envio mensal de uma newsletter (bastando a subscrição no nosso website para a receber), entre outros.

DATA A NÃO ESQUECER

IRS

■ De 01 de Abril a 30 de Junho - submissão do formulário IRS no Portal das Finanças, onde pode consignar 0.5% do IRS à Médicos do Mundo

Algumas informações importantes:

■ **Donativo efectuado à Médicos do Mundo em 2018 - onde inserir no formulário de IRS?**

O valor do donativo à Médicos do Mundo preencha na sua declaração no **Anexo H / Quadro 6 - B Dedução à Coleta - Benefícios Fiscais / Código do benefício: 613 Mecenato Social** (caso não apareça automaticamente preenchido)

■ **Consignação de 0,5% do IRS para a Médicos do Mundo - onde colocar o NIF?**

A consignação de 0,5% do seu IRS (sem custos para o Contribuinte) deve ser preenchido no **Modelo 3 - Rosto / Quadro 11 - campo 1101 / NIF 504 568 566 / colocar X no quadro IRS** (instruções de preenchimento abaixo)

TAP – MILHAS SOLIDÁRIAS

Há uma nova forma de ajudar: Clientes TAP Miles&GO podem doar milhas à Médicos do Mundo

A TAP desafiou os seus clientes TAP Miles&Go a doarem as suas milhas, acumuladas na compra das suas viagens, para instituições de solidariedade social. Basta que aceda a flytap.com, adira ao Programa Miles&Go e, por cada viagem, acumule milhas. Estas milhas podem ser doadas, de forma gratuita, a associações de solidariedade social como a Médicos do Mundo. Voe mais alto e ajude quem mais precisa.



0,5% do seu IRS pode ajudar a desenhar um mundo melhor

Dando seguimento ao mote de 2018 “Desenhar um Mundo Melhor”, a campanha deste ano envolveu quatro conceituados artistas de arte urbana: Alex Senna, Corleone, Vanessa Teodoro e Vhils. Através de desenhos criados pelos próprios, ilustraram “um mundo melhor”, inspirando-se na intervenção da MdM, quer a nível nacional, quer internacional, junto dos diferentes públicos a que chegamos.

Ao fazer a sua declaração de IRS, aceda ao quadro 11 e coloque uma cruz na opção de consignação do seu imposto a “instituições particulares de solidariedade social ou pessoas colectivas de utilidade pública” e insira o NIF da MdM (504 568 566), ajudando assim a nossa Associação a prestar mais cuidados de saúde gratuitos junto das pessoas mais vulneráveis.

A solidariedade é o caminho para um mundo melhor. Ajude-nos a desenhá-lo!





PROGRAMA DE CONSUMO VIGIADO
TESTEMUNHO DE JOÃO E MÁRIO

Unidade Móvel de Consumo Vigiado já está nas ruas de Lisboa

A Unidade Móvel de Consumo Vigiado já chegou às ruas de Lisboa, permitindo um espaço de consumo mais seguro e higiénico. Esta equipa, constituída por profissionais da Médicos do Mundo (MdM) e do Grupo de Activistas em Tratamento (GAT), abrirá portas a cerca de 1400 utentes, entre os quais, João e Mário.

João tem 42 anos. Mário tem 38. Vivem na rua há dois anos e meio e ansiavam há muito a chegada da primeira Unidade Móvel de Consumo Vigiado em Portugal.

Pescadores de alto-mar, João e Mário, irmãos, conhecem o Oceano Atlântico de Norte a Sul, desde a Gronelândia ao Brasil, do Uruguai ao Chile. Chegaram a embarcar por períodos de cinco meses seguidos, até ao dia em que o patrão não lhes pagou. Ainda assim, tal era a paixão, voltaram a navegar, mas quando chegaram a terra ficaram sem casa porque “com a renda em atraso, ao fim de dois

ACTUALIDADE NACIONAL

meses, a senhoria disse-nos que tínhamos de sair. A partir daí foi sempre a descer. O pouco dinheiro que tínhamos serviu para pagar a um advogado que acabou por nos enganar. Nunca nos tratou de nada. Agora vivemos e consumimos na rua”, conta João.

Os consumos começaram há quase 30 anos, quando o tio levou João a experimentar heroína pela primeira vez. Mais tarde seguiram-se as gansas (droga fumada). Mário começou a consumir pouco tempo depois. João revela que “o Mário era contra as drogas. A certa altura fui trabalhar para o mar durante um ano e, quando voltei, apercebi-me que o meu irmão já estava agarrado e que já era tarde demais”.

Há 10 anos, numa das suas múltiplas viagens pela Europa, João esteve numa sala de consumo vigiado e lembra o espaço como “a melhor coisa que podiam ter feito”. Para além dos materiais esterilizados, que permitiam uma maior segurança no momento do consumo, o dispositivo integrava vários enfermeiros que asseguravam os cuidados de saúde necessários. A par do benefício individual, João descreve a vantagem para a saúde pública: “conheci aquela zona antes e depois da sala de consumo vigiado. Passou a haver menos lixo nas ruas e os níveis de higiene e segurança nem são comparáveis. Os próprios consumidores apanham menos doenças. Por exemplo, aqui em Lisboa, há muito lixo nos sítios de consumo a céu aberto e eu próprio já me piquei duas vezes em agulhas que estavam na rua, perto do sítio onde durmo. Andei quase um mês preocupado sem saber se estava ou não infectado com alguma coisa. Depois fui fazer o teste e felizmente estava tudo bem”.

Por sua vez, Mário conhece uma das salas de consumo vigiado em Amesterdão e aponta a “higiene, segurança e facilidade no acesso a cuidados de saúde” como as principais vantagens desta resposta.

A MdM falou com os dois irmãos a poucos dias de se tornar real a primeira Unidade Móvel de Consumo Vigiado em Portugal (Lisboa), a qual é composta por profissionais de saúde, serviço social e educação de pares, além de bastante aguardada, segundo palavras de Mário: “há muito tempo que esperava ver este apoio, pois há pessoas que estão na rua, fazem o seu caldo, consomem e refugiam-se naquilo sem ninguém com quem falar ou partilhar a sua vida. É importante terem alguém que as ajude”.

Previsto na Lei desde 2001, o Programa de Consumo Vigiado pretende diminuir o risco de infeções e de overdose e aproximar os consumidores de estruturas de saúde e apoio social, bem como promover a saúde pública, diminuindo os espaços de consumo a céu aberto.

OUTROS PROJECTOS



© Sara Moinhos

MÉDICOS DO MUNDO ABRE CENTRO FIXO DE RASTREIO NO PORTO

A Médicos do Mundo iniciou um novo projecto no Porto que permite rastrear todos os que quiserem fazer o teste VIH SIDA, hepatites virais e outras infeções sexualmente transmissíveis na representação norte, na Rua dos Mercadores 140. Este novo espaço, equipado com um gabinete médico e salas de atendimento e de espera, possibilita a resposta a toda a população.

“Os dados dos últimos relatórios revelam que os novos casos de VIH dizem respeito aos heterossexuais, a pessoas com 60 anos que nunca fizeram o teste, às suas mulheres, por vezes filhos, a pessoas mais novas que não utilizaram o preservativo ou a Homens que fazem sexo com Homens que estão numa outra classe social e que não estão na rua. Há uma franja da sociedade que nos está a escapar em termos de diagnóstico precoce.” – afirma Raquel Rebelo, Directora de Projectos Norte e Centro da Médicos do Mundo

Este é mais um projecto que se alia ao conceito Fast Track Cities, contribuindo para que o Porto seja uma cidade na via rápida para combater a infeção por VIH e para atingir as metas da ONU SIDA para 2020: 90% das pessoas com VIH estão diagnosticadas; 90% das pessoas diagnosticadas estão em tratamento; 90% das pessoas estão em tratamento com carga viral indetectável.

APP LIKE ME II ENSINA JOVENS A PREVENIR DOENÇAS NÃO TRANSMISSÍVEIS

A Médicos do Mundo lançou uma nova aplicação móvel destinada a jovens e crianças, com o intuito de as ensinar a prevenir Doenças Não Transmissíveis. Esta aplicação, criada no âmbito do projecto Like ME II, contempla temas como o tabagismo, o alcoolismo, a depressão/suicídio, a violência, o sedentarismo (falta de exercício), a alimentação não saudável/obesidade, o cancro, as doenças respiratórias e cardiovasculares, a diabetes tipo II e os acidentes, utilizando vários jogos e desafios para aumentar o conhecimento dos mais novos sobre estas questões de saúde.



A aplicação é gratuita e está disponível para IOS e Android, nas lojas APP Store e Google Play. Faça o download, junte a família e aprenda com a Médicos do Mundo na APP Like ME II.



O PORTO ESCONDIDO QUE POUCOS VÊEM



Todos os dias há um Porto que se ofusca pelas luzes turísticas da cidade. Que esconde ruas estreitas, por vezes sombrias, que servem de palco às histórias de quem por lá vive. É o Porto que poucos conhecem e que todos os dias tentamos ajudar.

“É importante ter estas caras conhecidas perto de nós, que falam connosco, que nos ouvem e que nos apoiam em tudo quanto podem” – Carlos Moreno, beneficiário do projecto Porto Escondido

© Sara Moinhos

ESPECIAL

Representação Norte da Médicos do Mundo (MdM). Rua dos Mercadores. Há uma porta que se abre para receber Carlos, uma das tantas histórias escondidas pelas ruas da cidade e apoiadas pelo Porto Escondido. Tem 60 anos e é com um sorriso tímido no rosto que nos conta como regressou à Invicta, após vários anos emigrado. Conhece as ruas de Inglaterra, de Espanha, da Alemanha e lembra as histórias do que lá viveu. Foi trabalhador na construção civil, onde passou grande parte do seu tempo, até lhe ter sido diagnosticado um problema de saúde que o impossibilitou de continuar a trabalhar. Chegou a Portugal dias mais tarde. Lembra-se do tempo que ficou internado no Hospital Joaquim Urbano e do esforço que fez para pagar tudo do seu bolso. Após ter alta, e sem outro lugar para onde ir, Carlos pediu ajuda à Segurança Social e mudou-se para um quarto que serviu de sua casa até ao dia em que as poupanças acabaram. Reformado, e com uma pensão insuficiente face às suas despesas, fez da rua o seu novo “lar”, sendo agora um dos mais recentes elementos de um centro de alojamento temporário no Porto.

“Conheço a Médicos do Mundo há sensivelmente sete anos. Já os conhecia de vista, quando morava numa pensão. Uns tempos mais tarde, quando vim para a rua, comecei a ser ajudado pela equipa de rua do Porto Escondido. Deram-me medicação, umas roupinhas, produtos de higiene e vacinas”, conta Carlos

A equipa de rua do projecto Porto Escondido visitava Carlos numa das tantas voltas que dava pela cidade. Ao seu lado, e durante muitos anos, o companheiro de todas as horas, um outro beneficiário da MdM.



“Saí da rua porque perdi a pessoa com quem dividia o meu espaço. Era uma pessoa que eu entendia e que me entendia a mim, mas integrou uma resposta de alojamento e eu fiquei sozinho até ao momento em que outras pessoas, consumidoras de drogas, ocuparam aquele espaço. Fui embora porque precisava de sair dali. Ainda fiquei uns dias a dormir perto de uma obra, mas não tinha condições nenhuma. Foi aí que pensei ‘vou tentar’ e fui”, relata Carlos

Este é o Porto Escondido que todos os dias se ilumina por uma equipa de profissionais de saúde, terapeutas, psicólogos, educadores de pares e voluntários experientes. Tratam os beneficiários pelo nome e entre sorrisos dão os medicamentos pedidos, as consultas médicas, de enfermagem, de apoio psicossocial, aplicam o Programa Troca de Seringas, encaminham e acompanham os utentes a serviços ou fazem os rastreios de infeções sexualmente transmissíveis. Neste Porto Escondido quebram-se tabus e a pouco e pouco vão-se construindo as relações de proximidade, sempre em articulação com as entidades parceiras.



© Sara Moinhos

“A gestora de caso do Sr. Carlos não trabalha directamente no terreno, o que faz com que as equipas de rua, que intervem numa lógica de proximidade, tenham tanta importância no encontro das estratégias e respostas mais adequadas a cada caso. Somos uma ponte entre o beneficiário e as estruturas formais. É também para isso que o projecto Porto Escondido existe. Tudo se faz de forma articulada, em consonância com as entidades parceiras e respeitando a vontade de cada pessoa. Para o Sr. Carlos, este era o ponto de partida para ao fim destes anos todos poder avançar e tomar outras decisões na sua vida”, afirma Márcia David, Educadora Social da MdM.



© Sara Moinhos



O PROJECTO PORTO ESCONDIDO

Já cai a tarde na Alfândega do Porto quando a Unidade Móvel de Saúde se liga e inicia mais uma volta do projecto Porto Escondido. Há 10 anos que serve de consultório ambulante e se desloca onde é mais precisa, indo ao encontro de pessoas em situação de sem abrigo, utilizadores de drogas, homens que fazem sexo com homens, transgénero, transsexuais trabalhadoras do sexo e imigrantes. Pessoas que vivem à margem da sociedade e que, por diversos motivos, não recorrem aos serviços do Sistema Nacional de Saúde.

Segundo Raquel Rebelo, directora de projectos Norte e Centro da MDM, “são várias as condicionantes que impedem o acesso a cuidados de saúde por parte destas populações. Podem ser condicionantes económicas, falta de estrutura familiar e de priorização da saúde, a falta de documentos ou simplesmente o estigma associado a estas pessoas. Por isso é importante que existam equipas de proximidade, como a do Porto Escondido, que sejam pontes entre a rua e as estruturas formais”.

Existente há 14 anos, o projecto Porto Escondido tem agora como objectivo detectar, de forma precoce, e prevenir as infecções por VIH e SIDA, bem como outras infecções sexualmente transmissíveis.

“Cerca de 50% dos casos de VIH são diagnosticados tardiamente, ou seja, quando identificados já se encontram em fase avançada ou em estágio de SIDA. E é por isso que se justifica que existam testes rápidos nas equipas de proximidade, especialmente junto a populações de difícil acesso, que são aquelas pessoas que não se deslocam às estruturas formais para fazer um rastreio. Eis a razão pela qual intervimos nos locais de contexto, convivência, de pernoita, de tráfico e de consumo; para que possamos trabalhar no diagnóstico precoce e na prevenção destas infecções”, revela Raquel Rebelo.

A equipa do Porto Escondido, composta por uma educadora social, psicóloga, duas enfermeiras e vários voluntários médicos, procura, dia após dia, melhorar as condições de saúde das populações que encontra na rua, incorporando para tal, e de forma pioneira, uma outra figura: o Educador de Pares.

“O Educador de Pares é um técnico importantíssimo numa equipa que trabalha em contexto de rua. É alguém que tem em si a experiência do seu passado e que agora nos ajuda a escolher as melhores estratégias, a repensar e a ajustar. É uma pessoa que faz a ponte entre os beneficiários e a restante equipa, que nos ‘abre caminho’ para que possamos intervir e ajudar”, acrescenta Márcia David.



© Sara Moinhos

ESPECIAL



A IMPORTÂNCIA DA UNIDADE MÓVEL DE SAÚDE

É com recurso a uma Unidade Móvel de Saúde que a equipa percorre a cidade do Porto, Vila do Conde, Matosinhos e Vila Nova de Gaia, dando respostas a várias outras necessidades de saúde e sociais das pessoas que encontra. Para além da detecção precoce e prevenção do VIH/SIDA e infecções sexualmente transmissíveis, a Unidade Móvel (carrinha) possibilita, sempre a título gratuito, a prestação de cuidados de saúde, as consultas psicossociais e o encaminhamento dos beneficiários para as várias estruturas de suporte. É o que nos permite estar onde quase ninguém chega, onde quase ninguém ajuda e onde muitos se escondem.

Actualmente, e devido ao desgaste dos últimos 10 anos, a Unidade Móvel encontra-se no fim da sua vida útil, comprometendo a ajuda que a MDM dá no Porto junto das pessoas que, diariamente, precisam dos nossos apoios. Se nos puder ajudar a angariar fundos para uma nova viatura, devidamente equipada, ficaremos eternamente gratos. Não importa o valor, mas sim que juntos conseguimos ajudar mais pessoas.

Valor necessário: 50.000€ (aquisição e transformação/adaptação da viatura)
IBAN: PT50 0035.0551.0000.7515.63090

OPINIÃO

Seguimento farmacoterapêutico nos medicamentos inovadores

Quando se reflecte sobre os medicamentos inovadores uma das questões que se coloca é o facto de o seu custo ser, por vezes, exorbitante. O seu custo pode ser tão exorbitante para alguns países que os pode levar à falência.

Após estudos de avaliação da eficácia e de segurança, estes medicamentos são colocados no “mercado” e são utilizados sem um sistema de monitorização validado que meça e avalie o seu uso, a sua efectividade e a sua segurança em cada doente concreto. Posto isto, é difícil aferir com rigor se os medicamentos inovadores (e os que já perderam esse atributo devido à sua longevidade) alcançam os objetivos a que se propõem e, por outro lado, se causam dano.

Acompanho uma doente com problemas do foro da saúde mental tratada com lítio, entre outros medicamentos, que apareceu na minha consulta com uma embalagem mensal de um medicamento para a hepatite C de alto custo (cerca de 34000€). Salvo ao serviço hospitalar que a tratava, a doente ocultava aos profissionais de saúde esta doença e o medicamento que estava a tomar. Ninguém monitorizava o processo de uso deste medicamento. Ninguém avaliou as suas interações, contraindicações e a capacidade que a doente teria (ou não) para aderir a este tratamento.

As questões relacionadas com a utilização dos medicamentos têm vindo a ser evidenciadas desde os anos 80. O modo como os medicamentos são usados e os seus impactos nos resultados clínicos atingem uma dimensão e impacto tão grandes que existem inúmeros apelos de entidades relacionadas com a saúde, a nível mundial, no



sentido de promover o seu uso correto. Na conhecida “Declaração de Tóquio”, em 1993, a Organização Mundial da Saúde (OMS) apelou aos farmacêuticos, concretamente, que adotassem práticas profissionais para melhorar a utilização dos medicamentos. “Medication Without Harm” trata-se do apelo mais recente feito pela OMS em 2017, lançando assim um pedido inédito e inequívoco aos profissionais de saúde para reduzirem os riscos associados ao uso dos medicamentos de um modo substancial.

Muito embora se conheçam os resultados dos ensaios clínicos, pouco sabemos acerca dos medicamentos serem usados correctamente.

Isto significa que, no caso dos medicamentos inovadores, parece justificar-se implementar um sistema validado para monitorizar e otimizar a farmacoterapia, que envolva de modo integrado e articulado médicos, farmacêuticos, enfermeiros, mas fundamentalmente os doentes (ou cuidadores).

Henrique Santos
Farmacêutico comunitário



Uma vida dedicada à luta contra a violência sexual

Denis Mukwege é médico ginecologista e há décadas que se dedica a ajudar vítimas de abusos sexuais em regiões afectadas por conflitos. Um trabalho de uma vida que lhe valeu o Prémio Nobel da Paz em 2018.

É membro do Conselho Consultivo da Campanha Internacional para Travar a Violação e Violência de Género nos Conflitos e, na República Democrática do Congo (RDC), o seu país de origem, fundou um movimento feminista masculino, o V-Men Congo. Desde 2015 que a delegação belga da Médicos do Mundo está no território e colabora com o médico Denis Mukwege, um homem que, apesar dos riscos, promete não se calar na defesa dos direitos das mulheres e, acima de tudo, pela justiça no seu país.

Nasceu em 1955, em Bukavu, na parte oriental do então Congo Belga, e desde cedo começou a acompanhar o pai, um pastor evangélico, em visitas a doentes e a pessoas em situação de vulnerabilidade. Depois de ter estudado Medicina, Mukwege emigrou para França, onde fez a especialização em Ginecologia, antes de regressar ao seu país para trabalhar num hospital em Lamera. Nessa altura, ainda estava longe de imaginar o que a vida lhe reservaria...

Médicos do Mundo (MdM) – Quando eclodiu a primeira guerra do Congo, em 1996, estava a trabalhar em Lamera, mas teve de fugir. Como fez para continuar o seu trabalho?

DM – Quando a guerra começou, 35 pacientes do meu hospital foram mortos nas suas camas. Fugi para Bukavu, a 100 quilómetros de Lamera, e comecei a atender doentes em tendas. Construí uma maternidade e uma sala de cirurgia improvisada mas, em 1998, foi tudo destruído. Tive de erguer, no ano seguinte, uma nova estrutura para poder atender os meus doentes, o hospital de Panzi. Dedicava-me a dar melhores condições de parto às mulheres e foi nesse ano que nos chegou a primeira vítima de violação.

MdM – Como foi o primeiro impacto?

DM – Depois de ter sido violentada, os agressores dispararam contra as suas pernas e órgãos genitais. Pensei que este acto bárbaro era algo isolado, uma atrocidade da guerra, mas o verdadeiro choque surgiu três meses depois...

MdM – Apercebeu-se que não era um caso isolado?

DM – Chegaram 45 mulheres para tratamento, todas com a mesma história: os combatentes entraram nas suas aldeias e cometeram violações e torturas. Algumas mulheres apresentavam queimaduras provocadas por abrasivos químicos que foram derramados nas suas genitálias.

MdM – Começou a preocupar-se e a querer perceber o que se estava a passar...

DM – Sim. Comecei a perguntar-me o que estava a acontecer. Não eram só actos violentos de guerra. Faziam parte de uma estratégia! Em alguns casos relatados várias pessoas foram violadas publicamente ao mesmo tempo. A população feminina de aldeias inteiras sofreu abusos sexuais durante a noite. O objectivo destas violações colectivas era não só ferir as vítimas, mas toda a comunidade, já que todos eram forçados a assistir a tais actos. Como resultado, as pessoas tiveram de fugir das suas aldeias, abandonar as suas terras, os seus recursos, tudo. Trata-se de uma estratégia eficaz nesse sentido.

MdM – Então, acabou por conseguir relacionar estes fenómenos com a guerra?

DM – Sem dúvida. O conflito no Congo não envolve grupos extremistas religiosos, nem é um conflito entre Estados. É uma guerra motivada por interesses económicos e que tem uma estratégia destinada a destruir as mulheres do país. Em 2011, assistimos a uma redução no número de violações e pensamos que tudo isto estivesse perto do fim. Mas, em 2012, a guerra recomeçou, e os casos de abuso sexual voltaram a aumentar. O fenómeno está totalmente ligado à situação de guerra. A violação devia ser encarada como uma arma de destruição maciça em situações de guerra. Estou determinado a combater estas atrocidades. Fizemo-lo [comunidade internacional] com as armas químicas e biológicas e podemos fazer o mesmo com os crimes sexuais.

MdM – O cuidado que tem com as vítimas vai muito para além de uma cirurgia. Como se processa o programa de auxílio às vítimas?

DM – Estabelecemos um padrão de atendimento às vítimas. Antes de as levar para a mesa de cirurgia fazemos um exame psicológico. Preciso de saber se estão em condições de resistir à operação. Após a cirurgia, ou apenas cuidados médicos, encaminhamos as pacientes para um programa que lhes oferece apoio socioeconómico. A maioria das vítimas chega aqui sem nada, nem sequer roupas! Temos de as alimentar e cuidar delas. Depois do fim do tratamento médico, se não forem capazes de se sustentar, acabam novamente por ficar vulneráveis. Ajudamos as mulheres a desenvolver novas habilidades e as meninas a voltar à escola. A quarta etapa do nosso programa de auxílio diz respeito a questões legais. Muitas vezes, elas conhecem a identidade dos agressores e temos advogados que ajudam a tentar levar os casos à justiça.

MdM – Talvez por todo este seu trabalho, chegou a ter de fugir do país...

DM – Fomos para a Suécia e, de seguida, para Bruxelas, depois de homens armados terem entrado no meu carro quando estava a chegar à garagem de casa. Retiraram-me do veículo e, como um dos meus seguranças me tentou resgatar, começaram a disparar e mataram-no... Eu agachei-me enquanto continuaram a disparar. Não sei como sobrevivi. Eles fugiram no meu carro sem levar nada e só depois descobri que as minhas duas filhas estavam em casa quando eles chegaram. Ficaram o tempo todo de armas apontadas às minhas filhas à espera que eu chegasse. Foi terrível. Não sei quem eram as pessoas, nem por que me atacaram.

MdM – Depois desta situação, o que o motivou a voltar ao Congo?

DM – O que me inspirou a retornar foi a determinação das mulheres congoleesas no combate a estas atrocidades. Muitas tiveram coragem para protestar contra o ataque à minha família. Ainda juntaram dinheiro para pagar a minha passagem de volta ao Congo; e falamos de mulheres que não têm nada, vivem com menos de um dólar por dia. Organizaram-me uma recepção no aeroporto... Depois disso não podia dizer que não.

MdM – Como é a sua vida agora desde que regressou?

DM – A minha vida teve de mudar desde que voltei. Vivo no hospital e tomo uma série de precauções por questões de segurança. Perdi parte da minha liberdade. As mulhe-

res têm-se revezado para vigiar o hospital. Grupos de 20 voluntárias fazem turnos, dia e noite, para tentar garantir a minha segurança. E elas não têm armas, nada! O entusiasmo delas dá-me confiança para continuar a trabalhar. [O hospital encontra-se sob protecção permanente da Missão das Nações Unidas para o Congo – MONUSCO]

MdM – O que é certo é que não são apenas as mulheres congoleesas a reconhecer o seu trabalho. Já recebeu, em 2013, o prémio da Fundação Right Livelihood, conhecido como o Nobel Alternativo dos Direitos Humanos; em 2014, o prémio Sakharov para a Liberdade de Pensamento, o prémio mais elevado dos Direitos Humanos do Parlamento Europeu; em 2015, o Prémio Gulbenkian e, claro, o Prémio Nobel da Paz, em 2018. Como se sentiu quando soube?

Estava na sala de operações! De repente, as pessoas entraram e deram-me as notícias. Consigo ver os rostos de muitas mulheres que estão contentes por serem reconhecidas.

A guerra civil no seu país já provocou mais de seis milhões de mortos. No seu hospital, desde 1999, foram tratados mais de 50 mil sobreviventes de violência sexual. Chega a realizar mais de 10 cirurgias por dia. Que mensagem quer continuar a passar à comunidade internacional?

DM – Continuo a ter muito por dizer. Senti que precisava de sair do bloco operatório e informar o Mundo do que acontece aqui, encontrar autoridades para que façam tudo o que puderem para trazer de volta a paz. Vemos mais e mais mulheres a chegar do centro do país, onde antes não havia conflito. Isso é resultado de uma metástase da violência e dos acordos de paz que não se respeitam. Na verdade, é preciso que estes grupos sejam desarmados mentalmente, no plano psicológico, o que não está a ser feito. O corpo da mulher é transformado num verdadeiro campo de batalha. Em cada mulher violada vejo a minha mulher, em cada criança violada vejo os meus próprios filhos. Como posso calar a minha voz? Gostaria de não ter de falar mais destes crimes horrorosos de que são vítimas as minhas contemporâneas. Mas como posso ficar em silêncio quando sabemos que estes crimes contra a Humanidade são planeados por razões económicas? Não haverá paz e desenvolvimento social e económico sem respeito pelos Direitos Humanos.

NADIA MURAD

A jovem yazidi Nadia Murad também foi distinguida em 2018, juntamente com o Dr. Denis Mukwege, tendo recebido o Prémio Nobel da Paz 2018, pelo trabalho desenvolvido na erradicação da violência sexual como arma de guerra.

Em 2014, com 21 anos, foi raptada e mantida como escrava sexual de militantes do Estado Islâmico. Foi espancada, queimada com cigarros e violada diversas vezes por tentar escapar. Conseguiu fazê-lo ao fim de três meses e refugiou-se na Alemanha. Desde Setembro de 2016 que é a primeira Embaixadora da Boa Vontade para a Dignidade dos Sobreviventes de Tráfico Humano das Nações Unidas. Desde Setembro de 2016 que é a primeira Embaixadora da Boa Vontade para a Dignidade dos Sobreviventes de Tráfico Humano das Nações Unidas.

Mulheres que Inspiram

Dar voz às mulheres

Chamam-se Anny, Diana, Magdalena, Rajwa e Sanu. São mulheres comuns. Mulheres que inspiram, descobertas pela Médicos do Mundo (MmM) e pelo fotógrafo Denis Rouvre.

Inspirado no desejo de testemunhar a violência contra as mulheres, o projecto fotográfico “Mulheres que Inspiram” dá voz a mulheres de todo o Mundo. Algumas estão em fuga de zonas de conflito, outras são activistas contra a ordem social estabelecida, algumas não tiveram outra opção do que continuar em frente e há ainda aquelas que tomaram a decisão de agir.

“Mulheres que Inspiram” significa ouvir o inaudível: a violência emocional, física e institucional perpetrada contra milhões de mulheres. Ao mesmo tempo, é um apelo dos movimentos que estão a conduzir a mudança. Demonstra ainda o compromisso de mulheres comuns de todo o Mundo que lutam para que os seus direitos fundamentais sejam respeitados.

Este conjunto de fotografias e de testemunhos evidencia actos de resistência, acções visíveis e silenciosas que, de forma incansável, prosseguem o mesmo objectivo: sensibilizar, provocar a mudança na vida das mulheres e restabelecer os direitos fundamentais que têm sido desrespeitados.



SANU MAGAR NEPAL

“Trabalho na separação do lixo para sobreviver. É muito perigoso, cansativo e há muita sujidade. Tenho ideias e sonhos para ajudar outras pessoas, mas já é muito difícil cuidar de nós e da nossa família”.



ANNY MODI REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

“Quando acabei como refugiada e vítima de xenofobia e de racismo prometi a mim própria que me iria tornar voz dos que não têm voz. O meu activismo começou pela intervenção em nome das mulheres e crianças refugiadas”

Todos os 60 retratos e testemunhos, realizados e recolhidos em 2018 e 2019, vão fazer parte de uma exposição que pretende imergir o público nas vidas destas mulheres, através das suas histórias, combinando a fotografia e as contribuições escritas e orais. O projecto vai poder ser visto em França no Outono de 2019, antes de uma digressão mundial em 2020.



RAJWA RAHMOUN LÍBANO

“Sofro muito. Como mulher não é suposto falar nem defender os meus direitos e os dos meus filhos. É uma enorme luta. Agarro-me à minha coragem, determinação e força. Não quero continuar no silêncio”.



MAGDALENA SIMEONOVA BULGÁRIA

“Desejava em segredo poder estudar, mas tinha medo de contar a alguém porque, aqui, às mulheres, não é permitido fazê-lo. Sinto-me abençoada porque fui a primeira de Nadezhda a conseguir prosseguir estudos”.



DIANA SOLÍS COLÔMBIA

“Fui vítima de violência sexual quando um grupo de homens das FARC me atacou. Contraí uma infecção sexualmente transmissível. Sentia-me suja, envergonhada. A MmM ajudou-me muito, ensinou-me a ser mais forte, a falar disto sem ficar em prantos”.

ACTUALIDADE INTERNACIONAL

Delegação americana inicia projecto contra a violência armada nos Estados Unidos

A delegação americana da Médicos do Mundo (MmM) prepara-se para iniciar o seu primeiro projecto nacional. O foco da intervenção? Lutar contra a violência armada nos Estados Unidos da América (EUA). As armas de fogo são consideradas a segunda principal causa de morte de crianças e adolescentes nos EUA, após 40.000 pessoas terem morrido em 2017, vítimas deste tipo de violência. Só em 2018 houve 345 casos de tiros em massa no país, sendo urgente agir numa óptica de prevenção e educação para a cidadania.

Para a MmM, e do ponto de vista da saúde pública, as mortes e lesões relacionadas com a utilização de armas de fogo são equiparadas a uma epidemia, sendo necessário controlar e prevenir a sua disseminação. Esta abordagem assentará na detecção e interrupção de comportamentos violentos, através da mediação de conflitos, educação pública e mobilização da comunidade.



720 mil rohingyas sobrevivem em campos de refugiados no Bangladesh

Os refugiados rohingya abrigados em Cox's Bazar, no Bangladesh, vivem uma das situações mais vulneráveis da história da humanidade. Num dos locais mais instáveis do Mundo, devido aos ciclones e às monções que afectam a área costeira do país, milhares de pessoas vivem sem condições de segurança e sem esperança no futuro.



Após terem fugido dos crimes do exército birmanês e de resistirem às tentativas de repatriação no fim de 2018, centenas de milhares de rohingyas sobrevivem agora em campos de refugiados no Bangladesh, onde a Violência com Base de Género continua a constituir um grave problema de saúde pública. Consequências como a gravidez indesejada, abortos inseguros, infecções e problemas de saúde mental desafiam diariamente o bem-estar das populações deslocadas. Para atenuar estas consequências e melhorar o acesso a cuidados básicos de saúde, a delegação francesa da Médicos do Mundo permanece no terreno desde 2017, lidando com o sofrimento psicológico e agindo contra a violência.

Entre Julho de 2017 e Julho de 2018, 37.693 pessoas tiveram acesso a cuidados de saúde, tendo sido realizadas 2.244 consultas de saúde mental e de apoio psicossocial e 760 acções de educação e prevenção.



Médicos do Mundo volta ao território internacional com Missão de Emergência em Moçambique

Após o ciclone Idai ter causado graves inundações em Madagáscar, Maláui, Moçambique, Zimbábue e África do Sul, a delegação Portuguesa da Médicos do Mundo retomou o território internacional com uma missão de emergência humanitária em colaboração com a Cruz Vermelha Portuguesa.

A Operação Embondeiro por Moçambique resulta de uma parceria pioneira entre a Médicos do Mundo e a Cruz Vermelha Portuguesa que se traduziu no envio de dois aviões com bens de ajuda humanitária, duas equipas de emergência, um hospital de campanha e 30 toneladas de medicamentos e material médico para a Beira, uma das áreas mais afectadas em Moçambique.

No local, a equipa montou um hospital de campanha, no bairro de Macurungo, a 20 minutos do centro da Beira, reforçando um centro de saúde que outrora já tinha dado respostas de saúde materna e consultas externas.

A delegação espanhola da Médicos do Mundo também iniciou uma missão de ajuda humanitária, com o envio de um outro avião fretado com bens e equipa para apoiar as unidades de saúde locais.



20 ANOS 20 VOLUNTÁRIOS





Ajude-nos a desenhar
um mundo melhor.

Quem conhece tão bem as ruas como o Alex Senna? A Médicos do Mundo.

Num país envelhecido como o nosso, o apoio à população idosa é um pilar essencial da nossa intervenção. Para combater o isolamento e garantir o acesso a cuidados primários de saúde e apoio social, as nossas equipas prestam apoio gratuito diariamente aos idosos mais vulneráveis. Asseguramos cuidados de higiene e conforto, apoio de hidro e fisioterapia, adaptamos domicílios e devolvemos-lhes sorrisos. Eles precisam de nós. Nós precisamos de si.

Modelo 3 ▶ Quadro 11 ▶ Campo 1011 ▶ NIF 504 568 566

Consignação de 0,5% do IRS (sem custos para si). Saiba mais em medicosdomundo.pt

